

CONHECENDO O BAIRRO DO DESTERRO, CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS/MA: UM PROJETO DE PATRIMÔNIO CULTURAL PARTICIPATIVO E MUITAS EXPERIÊNCIAS

José Ribamar da Costa Filho¹

José Arilson Xavier de Souza²

Elisabete de Fátima Farias Silva³

RESUMO

Iniciamos o título desta comunicação científica lançando mão do gerúndio na tentativa de destacarmos o movimento da pesquisa que realizamos, que tem nas caminhadas-vivências pelo bairro do Desterro, Centro Histórico de São Luís, Maranhão, uma tentativa de conhecê-lo em relação ao seu patrimônio cultural. Somos parte do núcleo São Luís no projeto nacional “Inventário participativo para identificação e gestão do patrimônio cultural” e neste texto discorreremos sobre as muitas experiências que alcançamos com essa pesquisa, sobretudo quando valorizamos a estratégia metodológica de caminharmos com diversos grupos, seja de moradores, habitantes do bairro ou estudantes da graduação e pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Assim, reconhecemos a importância de recebermos contribuições de todos que caminharam conosco no desafio de venerar os caminhos da busca, questionando o patrimônio a partir das múltiplas dimensões da dinâmica do bairro do Desterro.

Palavras-chave: Inventário participativo; educação geográfica; patrimônio.

RESUMEN

Comenzamos el título de esta comunicación científica utilizando el gerundio en un intento de resaltar el movimiento de la investigación que estamos llevando a cabo, que implica caminar y experimentar el barrio de Desterro, el Centro Histórico de São Luís, Maranhão, como un intento de comprenderlo en relación con su patrimonio cultural. Somos parte del grupo central de São Luís en el proyecto nacional "Inventario Participativo para la Identificación y Gestión del Patrimonio Cultural", y en este texto analizamos las numerosas experiencias que hemos adquirido a partir de esta investigación, especialmente cuando valoramos la estrategia metodológica de trabajar con diversos grupos, ya sean residentes, habitantes del barrio o estudiantes de grado y posgrado en Geografía de la Universidade Estadual de Maranhão (UEMA). Por lo tanto, reconocemos la importancia de recibir contribuciones de todos aquellos que nos acompañaron en el desafío de venerar los caminos de la búsqueda., cuestionando el patrimonio desde las múltiples dimensiones de la dinámica del barrio.

Palabras clave: Inventario participativo; educación geográfica; patrimonio.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, jrcostafilho@gmail.com

² Orientador da pesquisa: doutor em Geografia. Docente do programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, arilsonxavier@yahoo.com.br

³ Coorientadora da pesquisa: doutora em geografia. Realizando estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual do Maranhão - Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista CAPES, lisafariasgeoueuma@gmail.com

INTRODUÇÃO: PROJETO, ESTRATÉGIAS E BUSCA POR CAMINHOS

No início do ano de 2023 nos vinculamos ao projeto nacional de pesquisa “Inventário participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural⁴” e constituímos uma equipe de trabalho para estudar as referências culturais em face do patrimônio no bairro do Desterro, no Centro Histórico de São Luís, Maranhão. Para estudo da área, na qual não tínhamos vivência anterior, a proposta do projeto nacional foi sendo articulada com outros subprojetos locais a partir das demandas que os pesquisadores foram acolhendo como relevantes para melhor conhecer o bairro do Desterro. Ou seja, os desafios da pesquisa foram encarados como oportunidade para abrir e dialogar com frentes de estudo que oportunizaram vivenciar o bairro de formas distintas. Destas frentes, o emaranhando de experiências no enlace de pesquisadores, caminhantes convidados e habitantes do bairro se tornou uma estratégia efetiva para a realização do projeto de forma participativa.

Esse texto tratará especialmente de um dos subprojetos locais resultante da dissertação de mestrado de Costa Filho (2025), membro do núcleo São Luís, quanto à criação de um roteiro turístico como forma de enfrentamento das visões estigmatizadas que o Desterro carrega.

Compreende-se, assim, que o turismo é uma atividade presente e em ascensão no contexto de muitas cidades brasileiras e pode se tornar um aliado que motive experiências geográficas mais reflexivas e situadas nas lógicas do habitar. A saber, o Desterro está em área tombada a nível federal (1955 e 1974), estadual (1986) e mundial (1997), além de comportar manifestações culturais como o bumba meu boi e tambor de crioula, ambas registrados como patrimônios culturais imateriais do Brasil no ano de 2011 e 2016, respectivamente. Disso, as noções de patrimônio e de turismo circularem de forma incisiva no bairro, sobretudo como promessa ligada à reivindicação política por melhores condições de habitação, recorrentemente justificada devido à diversidade do patrimônio (material e imaterial) da área. Em tal contexto, visando a metodologia de inventários participativos no âmbito da educação patrimonial, é possível lançarmos algumas questões: como os habitantes do Desterro identificam e realizam a gestão de suas referências culturais? Como o discurso do patrimônio implica na dinâmica intracomunitária do bairro? Quais são os sentidos que o patrimônio ganha naquele lugar?

⁴ O projeto nacional “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural” (n. 420924/2022-1) foi contemplado pelo Edital Pró-Humanidades (chamada nº 40/2022), sob financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na Linha de pesquisa Projetos em Rede - Políticas públicas para a promoção da cultura (5B). Com vigência de janeiro de 2023 a dezembro de 2025, o projeto é coordenado pela profa. dra. Maria Tereza Duarte Paes (Unicamp) e foi o único projeto aprovado da geografia nessa linha.

Referência que muito nos ajudou, a publicação “Educação Patrimonial: Inventários Participativos” (IPHAN, 2016) consiste em um manual de caráter educativo cujo objetivo é “construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre as pessoas, as instituições e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas”. Destacamos que o escopo da educação patrimonial não tem a pretensão de “formalizar reconhecimento institucional por parte dos órgãos oficiais de preservação” do patrimônio. Já que seu horizonte de abordagem está mais no âmbito da compreensão intergeracional e diversidade de memórias e identidades, “promovendo o respeito pela diferença e o reconhecimento da importância da pluralidade” (IPHAN, 2016, p.9).

Desde a década de 1990, é notória a transformação quanto à concepção de políticas de patrimônio cultural (Fonseca, 2000; 2003). As várias publicações a respeito são exemplos da tensão que o campo vem sofrendo, contudo, a aplicação efetiva dessa nova pedagogia do patrimônio ainda é incipiente no Brasil. A problemática de pesquisa do projeto nacional envolve, justamente, a revisão da aplicabilidade do manual do IPHAN (2016) a partir de um estudo em rede com a elaboração de quatro inventários participativos em sítios com diferentes tipologias: Centro Histórico de Belém (PA), Centro Histórico de São Luís (MA), Monólitos de Quixadá (CE) e Companhia de Fiação e Tecelagem São Martinho, em Tatuí (SP).

Cada núcleo foi responsável por formar sua equipe e construir metodologias que respondessem à dinâmica da realidade local estudada, tendo por base a publicação do IPHAN (2016). Em São Luís, um dos diferenciais foi o empenho para registrar uma escuta polifônica do Desterro. Neste aspecto foi que as incursões no campo – que denominamos de caminhadas-vivências intencionais – terem sido priorizadas. Depois de três anos de pesquisa no Desterro, consideramos que essa metodologia de aproximação foi capaz de criar uma relação de afeto e confiança, em um diálogo intensivo e constante com diversas pessoas e situações em relação ao patrimônio cultural, o que colaborou, de sobremaneira, para que os pesquisadores repensassem e reorganizassem o estudo das referências culturais.

No núcleo São Luís, desde o início fomos orientados pela vertente da geografia cultural-humanista, buscando vivenciar a dinâmica do bairro em aproximação aos sujeitos e, a partir da experiência (Marandola Jr., 2024), buscando perceber os sentidos que emergiam dos patrimônios culturais (Silva, 2020) no Desterro. Mantermos o projeto aberto e com entradas múltiplas foi uma das estratégias que enlaçou tanto o aporte teórico quanto a nossa postura em campo e, por conseguinte, os resultados da pesquisa. Disso, o subtítulo desse texto ser trazer a ideia de “um projeto e muitas experiências”, assumindo uma postura de “como quem busca mas, ao mesmo tempo, venera o caminho” (Marandola Jr., 2024, p.131).

A equipe de pesquisadores do núcleo São Luís é composta por dois professores da UEMA, um professor da UFMA, uma bolsista de Pós-Doutorado e dois voluntários. Contudo, aos longos desses anos, outros pesquisadores interessados se somaram, como: três bolsistas de Iniciação Científica, um bolsista de mestrado e quatro outros voluntários. A equipe é/foi formada predominantemente por integrantes da Geografia, depois do Turismo e da História.

Cada pessoa participante do projeto foi acrescentando, ao mesmo passo que foi sendo acrescentado, pelas caminhadas-vivências no Desterro, tanto que do projeto inicial do inventário desdobrou outros subprojetos.

A estes termos, esse texto tem por objetivo geral contextualizar como o projeto Inventário Participativo do Patrimônio Cultural realizado pelo Núcleo São Luís mobilizou uma série de subprojetos que incentivaram o trabalho transdisciplinar com base na experiência das caminhadas-vivências no bairro do Desterro, Centro Histórico de São Luís/MA. Sendo nossos objetivos específicos: (i) apresentar o roteiro turístico “Caminhos do Desterro”, em seu processo de criação e realização; (ii) articular experiência, paisagem, patrimônio e turismo na abordagem da geografia cultural-humanista e; (iii) adensar as questões referentes à postura fenomenológica como método de um fazer Ciência pela experiência.

Para tanto, o texto está organizado nas seguintes seções: Metodologia: caminhar e parar - tomar posição no mundo; A experiência de fazer pesquisa no Desterro, por onde caminhar?; A experiência como guia de um roteiro turístico no Desterro, onde parar?; “Caminhos do Desterro”: elaboração e realização do roteiro turístico com abordagem geográfica; e, por fim, Considerações caminhanças.

MÉTODO E METODOLOGIA: CAMINHAR E PARAR - TOMAR POSIÇÃO NO MUNDO

Pesquisar o patrimônio cultural a partir da geografia cultural-humanista nos trouxe aportes que colaboraram para entender o geográfico que emerge não, exclusivamente, da leitura unilateral especialista. Mas que, inclusive, desejosos pela diversidade e pelo tensionamento de conceitos e ideias que se tenham *a priori*, busca articular escalas, sujeitos, linguagens e áreas de conhecimento em face de um reposicionamento do campo.

Na miríade de escolas, autores e tendências da geografia cultural-humanista (Holzer, 2016), nos aproximamos da experiência como fundamento ontológico. De tal modo, que encaramos o humanismo em geografia como uma postura, o que se “aproxima muito com o que Paul Claval tem chamado recente de Abordagem ou Enfoque Cultural em Geografia” (Marandola Jr, 2005, p. 402).

Há mais similaridades do que parece à primeira vista, entre os geógrafos atraídos pela fenomenologia e aqueles que abraçam a causa radical, pois os dois grupos consideram que os fatos sociais diferem dos fatos naturais. O que é fundamental para os geógrafos de inspiração humanista ou radical não é a distribuição espacial dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraindo uma experiência (Claval, 2006, p. 46-47).

De acordo com Claval (2006), a inspiração humanista não se preocupa tanto de estudar os fatos sociais em sua distribuição espacial, mas nos modos como os habitantes vivenciam os lugares. O que comporta entender a ontologia espacial como possibilidades de investigação geográfica, seja em sentido metodológico à ciência, seja em um repensar a experiência contemporânea que reverbera na produção de subjetividades.

Assim, as categorias de análise forjadas no arcabouço teórico-conceitual da ciência geográfica moderna como espaço, território, lugar, região e paisagem ganham sentidos deslocados da exclusividade determinante das macro-funções e macro-estruturas, sem, contudo, ignorar tais macro-processos. O que Marandola Jr. (2005, p.409) condensa na afirmação de que: “Não se trata de negar outras posturas metodológicas, e sim de enriquecer o estudo geográfico, adicionando a ele outras dimensões”.

Disso, o projeto do Inventário no Núcleo São Luís adotou a abordagem cultural em geografia (Claval, 2006; Zanatta, 2023) e o humanismo em geografia com base na experiência (Marandola Jr. 2005), articulada com os procedimentos metodológicos orientados de forma geral pelo projeto nacional e pelas necessidades de cada subprojeto desenvolvido.

Uma das frentes de estudo da área inventariada do Núcleo São Luís, por exemplo, criou o roteiro “Caminhos do Desterro” que se valeu das caminhadas-vivências. Em consonância aos aportes da Geografia cultural-humanista, na interface do Turismo com ênfase no Patrimônio Cultural (Almeida, 2009; Souza; Paes, 2023; Souza; Silva; Marques, 2024), e em narrativas negras do Centro Histórico de São Luís/MA (Almeida; Cardoso, 2022), o roteiro se concentrou na paisagem do Desterro como orientadora do roteiro com a metodologia de caminhar e parar (Careri, 2017).

Do projeto nacional, todos os núcleos realizaram os procedimentos metodológicos de I a V, adaptadas as estratégias locais, o que no Núcleo São Luís resultou na configuração sistematizada no Quadro 1:



Período	Etapas e procedimentos metodológicos	(Inter)Ação do Núcleo São Luís
2023 a 2025	(I) levantamento de varredura em publicações científicas e análise documental de textos e imagens em acervos diversos (jornais, museus e bibliotecas)	Síntese parcial em Roqué, Carvalho e Marques (2023) e síntese final no dossiê a ser publicado em janeiro de 2026;
2023	(II) identificação de interlocutores e parceiros na localidade	Oficinas com moradores e frequentadores do bairro Desterro: duas na Casa do Bairro (28 de setembro e 5 de outubro), uma no Instituto de Estudos Sociais e Terapias Integrativas (27 de outubro) e uma no Convento das Mercês (5 de julho); Caminhadas-vivência no bairro como modo de aproximação do cotidiano;
28 e 29 de agosto de 2023	(III) Seminário nacional com todos os núcleos	Realizado em São Luís, Maranhão, com a presença de pesquisadores de SP, CE e PA. Finalização com visita de campo realizada no Centro Histórico.
02 fevereiro de 2024	(IV) Seminário regional organizado por cada núcleo separadamente	Apresentação das fichas de referência cultural realizadas até momento e escuta da comunidade. O Seminário mostrou a necessidade de continuar realizando as caminhadas-vivências e os moradores indicaram outros interlocutores e referências culturais que deveriam constar no Inventário do Desterro;
Até janeiro de 2026	(V) Elaboração e divulgação de diversos produtos resultantes da pesquisa	Devolutiva para os sujeitos de pesquisa, com a leitura das fichas de referências culturais produzidas para correção das informações quando necessária e adequação do mapa participativo. Etapa fundamental para caminhar em uma escrita em que os habitantes se sintam acolhidos e que o mapa consiga mostrar a dinâmica cultural do Desterro; Produção do dossiê final com 32 referências culturais inventariadas e mapeamento participativo; produção de capítulo de livro e de material a ser divulgado em site pelo projeto nacional.

Quadro 1: Sistematização da metodologia geral e das (inter)ações no Núcleo São Luís. Fonte: Organização dos autores (2025).

Sempre que possível seguimos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no padrão Unicamp, como acordado com o Comitê de Ética da Plataforma Brasil, a qual o projeto nacional foi submetido. A aplicação do TCLE é uma das problemáticas que acabam por afastar os sujeitos da pesquisa na estratégia de caminhadas-vivências adotadas pelo núcleo São Luís. Assim, em alguns poucos casos tivemos que lançar mão de estratégias diferenciadas para preservar a identidade dos sujeitos quando não foi possível que assinassem o TCLE, como: registros fotográficos em quadros gerais para não identificar as pessoas e/ou não nomear as pessoas no texto das fichas produzidas no inventário. Contudo, de forma geral, quando bem explicado para os sujeitos de pesquisa que nos conheciam a tempo, dado nosso envolvimento de anos com o bairro do Desterro na realização do inventário, o TCLE pode ser assinado por 27 pessoas citadas nominalmente no dossiê do inventário produzido (etapa V).

Do projeto nacional, ao longo das etapas descritas no quadro 1, o Núcleo de São Luís desdobrou os subprojetos: (i) caminhadas-vivências como metodologia de pesquisa e ensino que envolveu várias turmas de graduação e pós-graduação; (ii) produção acadêmica: uma dissertação na interface geografia e turismo, defendida em 2025 junto ao Programa de Pós-graduação UEMA com a criação e realização do roteiro turístico “Caminhos do Desterro” (Costa Filho, 2025) e um trabalho de conclusão de curso em História sobre a centralidade sociocultural da Igreja São José do Desterro, a ser defendido em 2025 e (iii) iniciação científica: dois projetos aprovados (2023/2024 e 2025/2026) com um total de seis bolsistas trabalhando diferentes perspectivas no bairro do Desterro.

Desses subprojetos, vamos focalizar no roteiro turístico “Caminhos do Desterro” e nas caminhadas-vivências por condensarem a experiência como guia e fonte no fazer científico.

As caminhadas-vivência no Desterro se intensificaram como metodologia de campo adotada pelo Núcleo São Luís, enquanto uma prática mais fluida do que as oficinas e/ou entrevistas previamente agendadas. Nessa metodologia, tanto os pesquisadores envolvidos no projeto participaram de ensaios, apresentações, shows das diversas manifestações culturais no Desterro e, mesmo, do cotidiano vivido nas ruas e encontros casuais como parte da pesquisa em compreender a dinâmica do bairro; quanto efetivamos parcerias com outros grupos para caminhar conosco pelo Desterro. Destas parcerias, várias turmas de graduação e uma turma de pós-graduação em geografia participaram do campo conosco, firmando atividades onde a pesquisa (do inventário participativo no Desterro), desdobrou-se em oportunidade de ensino a nível superior (para as disciplinas universitárias de Cartografia Escolar, Geografia Regional, Geografia Urbana, Geografia Cultural, Metodologia de Pesquisa e Organização do Espaço).



Período	Turmas de Geografia UEMA que participaram de caminhadas-vivências pelo Desterro	(Inter)Ação e foco principal de ensino no campo
janeiro de 2023	Disciplinas de Geografia Cultural e Geografia do Nordeste	Aspectos culturais relacionados ao trabalho, moradia, toponímia e religião. Professores envolvidos: José Arilson Xavier de Souza e Andreza dos Santos Louzeiro. Monitores de bolsa IC do Inventário (Vanessa Cruz; José de Ribamar Costa Filho e Andrew Vieira);
fevereiro de 2024	Disciplinas de Cartografia Escolar e Geografia Regional	Parceria com a instituição local Casa do Bairro: crianças guiaram os universitários pelo Desterro, realizando um reconhecimento cartográfico, com registro fotográfico dos lugares de afetividade no bairro e desenho da experiência. Atividade de caráter extensionista. Professoras envolvidas: Bianca Beatriz Roqué (Cartografia Escolar), Ana Rosa Marques (Geografia Regional) e Elisabete de Fátima Farias Silva;
dezembro de 2024	Disciplina de Geografia Regional	O Centro Histórico no contexto da formação espacial ludovicense. Realização do roteiro turístico criado por um guia profissional, José Ribamar da Costa Filho. Professora envolvida: Ana Rosa Marques;
julho de 2024	Disciplina de Geografia Cultural	Paisagem, patrimônio e cidade. Professor envolvido: José Arilson Xavier de Souza;
maio de 2025	Disciplinas de Geografia Urbana, Geografia Regional e Organização do espaço geográfico	O Centro Histórico no contexto da formação espacial ludovicense. Professores envolvidos: Ana Rosa Marques (Geografia Regional), doutoranda Laíse Frazão, guia de turismo e mestre de geografia José Ribamar Costa Filho e Vanderson Rodrigues (Organização do espaço);
maio de 2025	Pós-graduação, disciplina Espaço, cultura e experimentações de mundo	Metodologia de pesquisa: trabalho de campo em geografia a partir da abordagem cultural. Professores envolvidos: José Arilson Xavier de Souza e Elisabete de Fátima Farias Silva.

Quadro 2: Sistematização das turmas e respectivas temáticas que participaram das caminhadas-vivência no bairro do Desterro em parceria com o Inventário participativo Núcleo São Luís. Fonte: Organização dos autores (2025).

A experiência de fazer pesquisa no Desterro, por onde caminhar?



Figura 1: Caminhadas-vivências no Desterro com as turmas de graduação das disciplinas de Geografia Cultural e Geografia do Nordeste (janeiro de 2023), Cartografia Escolar e Geografia Regional (fevereiro de 2023) e turma de pós-graduação da disciplina Espaço, cultura e experimentações de mundo (maio de 2025). Fonte: Organização dos autores (2025).

Durante a realização do projeto, apostamos em caminhar pelo bairro como modo de emergir na sua dinâmica cotidiana e, assim, conhecer e manter contato com as pessoas. Caminhamos: entre integrantes do núcleo São Luís por meio de encontros agendados e não-agendados previamente com os habitantes do bairro; em aulas de campo com outros grupos de estudantes em diversas disciplinas da graduação e pós-graduação em geografia da UEMA (Costa Filho, 2025); e em ensaios, apresentações e shows de diversas manifestações culturais no Desterro; entendendo as caminhadas-vivências como “um dispositivo de interação para habitar territórios já habitados, ser hóspede e receber hospitalidade” (Careri, 2017, p.29).

Estereótipos, pré-conceitos e limitações surgiram nesse caminhar. A ideia de um bairro perigoso, caracterizado também pela marginalidade, prostituição e práticas ilícitas, como o tráfico e usos de drogas que perduram em certa parte do bairro compõe uma região “interdita” bairro do Desterro (Ferreira, 2008), inclusive provocando uma distinção social entre os próprios habitantes do Desterro (Chaves e Silva, 2015).

A saber, ao norte do bairro do Desterro se concentra muitos comércios gráficos, resquícios de quando os mais importantes jornais da cidade se situavam na área entre os bairros do Desterro e a da Praia Grande, e ao sul se concentra diversos comércios associados ao antigo Portinho, como fábricas de gelo, sorveterias artesanais, peixarias e pequenos comércios de artefatos para a pesca. Essa dinâmica congrega um movimento expressivo de funções e práticas, inclusive de trabalhadores que o habitam e que, ainda que não residam no Desterro, conhecem suas histórias e guardam memórias de suas transformações.

Neste sentido, a primeira problemática desse caminhar foi nos perguntar: que é considerado histórico no Centro Histórico? Como caminhar por paisagens diversas que



compõem o Desterro, enquanto um dos onze bairros que compõe o Centro Histórico e marcado por muitas vulnerabilidades aparentes e estigmas sociais velados, pode nos deslocar da narrativa histórica unilateral das elites que acaba por diminuir, apagar, ou, mesmo, esvaziar os significados do processo histórico travado entre realidades distintas?

O Desterro acabou se consolidando como uma zona onde viviam as pessoas mais pobres da cidade antiga, “negros forros e pequena burguesia” até o período imperial, área caracterizada com pequenos lotes de construções, onde se pode encontrar uma concentração maior da arquitetura de porta-e-janelas que destoa dos casarios coloniais mais imponentes (Burnett; Venâncio, 2008). O Desterro desde “sempre foi visto como um bairro de gente humilde, considerado o primeiro bairro de brasileiros de São Luís, já que a vizinha Praia Grande pertencia aos ricos comerciantes portugueses para os quais os brasileiros trabalhavam” (Chaves, 2012, p. 88). No habitar, as relações classistas e raciais que marcam a formação das cidades brasileiras se materializam nas edificações e no modo em que as ruas são ocupadas no Desterro: lugar de encontro, de comércio, de lazer e de manifestação dos muitos grupos e expressões culturais do bairro.

O som alto dos bares ou dos vizinhos dispostos à calçada, se combina em algumas ruas com roupas dependuradas ao sol para fora das casas em varais improvisados e gente conversando, bebendo ou jogando dominó. Já em outras ruas, onde as edificações coloniais residenciais foram substituídas pelas funções de comércio e serviços, principalmente como repartições públicas com funções administrativas das três esferas de governo, o ritmo do Desterro é outro: guardadas dentro dos imensos casarões, as pessoas frequentam aquelas ruas apenas em horário comercial e desempenham, muitas vezes, uma relação mais pontual com o bairro devido ao trabalho ou a procura por certo serviço. Ainda são, são pulsões do habitar o bairro do Desterro que acolhe centenas de funcionários públicos, de pequenos comerciantes e de vendedores ambulantes, muitas pessoas em situação de rua e uma infinidade de pessoas que vem de outros bairros para participar dos grupos e expressões culturais no Desterro se somando aos moradores.

Quando se visita um Centro Histórico, quem quer caminhar por áreas habitadas por pessoas comuns? E por que não se quer? A experiência do Núcleo São Luís com o Inventário participativo do patrimônio cultural, a metodologia de caminhadas-vivências e a dissertação de Costa Filho (2025) movimentaram atitudes naturalizadas quanto aos estigmas sociais do bairro do Desterro. Insistir em caminhar em um bairro constituído e sustentado por uma população de menor renda é, nesse passo, manter a postura de permitir que o bairro e as pessoas falem por si e que a experiência nos provoque, inclusive, estranhamentos e sentimentos diversos como

medo, desconfiança e distanciamento. A provocação de onde, como e com quem caminhar no Desterro é já um enfrentamento.

A experiência como guia de um roteiro turístico no Desterro, onde parar?

Estar presente no Desterro se mostrou como sendo fundamental à orientação teórico-metodológica do projeto do inventário participativo, do que se desdobrou o subprojeto roteiro turístico “Caminhos de Desterro”.

Em campo, adotamos a proposta metodológica de caminhar e parar, como propõe o arquiteto italiano Francesco Careri (2017) – que encara o parar como uma longa pausa em um percurso que não se pode parar. A metodologia de Careri (2013, 2017) se trata de uma reflexão “quanto ao tomar seu lugar, ou tomar uma posição, quanto ao cuidar de um lugar e assumir uma responsabilidade ética e estética do momento de parar”. Onde realizamos uma pausa importa à experiência. Inclusive, como intervenção urbana, no sentido de se situar em paisagens consideradas “feias”, “sujas” e “problemáticas” e demora-se nessas paisagens de outro modo-de-ser.

O “caminhar como forma de intervenção urbana”, como propõe Careri (2017), seja por caminhos conhecidos com outras miradas e intenções, seja por caminhos desconhecidos, é uma oportunidade de reaprender a estar no Centro Histórico de São Luís e contar/ouvir histórias abafadas por um turismo mercantilizado e elitizado. Tematizar o Desterro como roteiro turístico é já uma intervenção, principalmente quando o turístico, o histórico e o geográfico são tensionadas a partir das lógicas dos habitantes. Desejar habitar a paisagem caminhando nos abre horizontes de investigação que, dificilmente, apenas os documentos escritos nos mostram. Assim, os ruídos, os buracos, a sujeira, as várias desigualdades evidentes são tomadas como oportunidade de se conversar sobre e não como algo que devemos nos esquivar ou esconder.

Corroborando com o movimento que abarca corpo e paisagem, Souza e Paes (2022, p.110) afirmam que “Não existe a paisagem. Ela se faz caminhando pelo espaço”, já que somos a paisagem da paisagem (Besse, 2014) e “Não andamos pelo mundo. Somos ele imediatamente” (Marandola Jr., 2024, p.153).

Qual paisagem buscamos construir/narrar/guiar/motivar/caminhar/parar? Qual paisagem buscamos nos demorar aprendendo com ela? No movimento de caminhar e parar, onde, como e com quem reconhecemo-nos (na/com) paisagem? Questões que nos motivam a continuar conhecendo o Desterro.

Para Pimentel e Castrogiovanni (2015, p. 452): “se o surgimento do turismo implica em um modo de leitura e de uso dos espaços, a experiência turística também envolve a produção de narrativas e reflexões sobre o mundo”. Nesse horizonte, descreveremos na próxima seção a experiência com a criação e realização do roteiro “Caminhos do Desterro”.

“Caminhos do Desterro”: elaboração e realização do roteiro turístico com abordagem geográfica

Por ocasião da pesquisa do Inventário participativo desde o ano de 2023, com a ampliação de leituras, vivências e reflexões, Costa Filho (2025) elaborou o roteiro “Caminhos do Desterro” como um itinerário simbólico (Correa, 2007), entre caminhar e parar (Careri, 2017), que provoca enlaçar memória, negritude, história e cultura a partir das paisagens do Desterro.

A elaboração do roteiro intencionou revelar a diversidade cultural do território, valorizando suas espacialidades e memórias, especialmente aquelas ligadas à presença negra, sem excluir os marcos do patrimônio colonial. Ao propor um olhar mais sensível e abrangente, que ultrapassa os limites do turismo tradicional, a proposta convida visitantes, a percorrerem caminhos que revelam as múltiplas camadas do bairro, experienciando-o.

A máxima de “perder tempo, ganhar espaço” de Careri (2017) incentiva promover um roteiro mais demorado ponto a ponto e aberto a perder-se em temáticas e assuntos que o grupo queira compartilhar. Disso, situações cotidianas no Desterro e o próprio perfil do grupo que está realizando o roteiro é considerada uma potência para os “Caminhos do Desterro”.

A abordagem cultural em geografia motiva a conhecer não o espaço em si, objetificando-o, mas as relações estabelecidas entre pessoas-lugares-paisagens a partir da experiência de caminhar e parar. Disso, o roteiro turístico pode ser encarado como oportunidade de fazer indagações e reposicionar leituras de mundo a partir de situações até então desconhecidas, o que motiva um caráter de estudo contínuo quando precisar a data de algum acontecimento importa tanto quanto a pluralidade de interpretações simbólicas e os conflitos e dissensos envolvidos.

O roteiro se inicia na Praça das Mercês diante do Monumento à Diáspora e finaliza no Convento das Mercês, caminhando no sentido horário a norte e depois a leste, a sul e a oeste em referência ao ponto inicial como consta no mapa a seguir (Figura 2 e Figura 3). Estima-se uma caminhada com cerca de 1,3 km, com 10 pontos de parada, com duração de três a quatro

horas, aproximadamente (entre caminhadas e paradas, conversas e reflexões coletivas provocadas pela paisagem e curtos momentos de descanso).

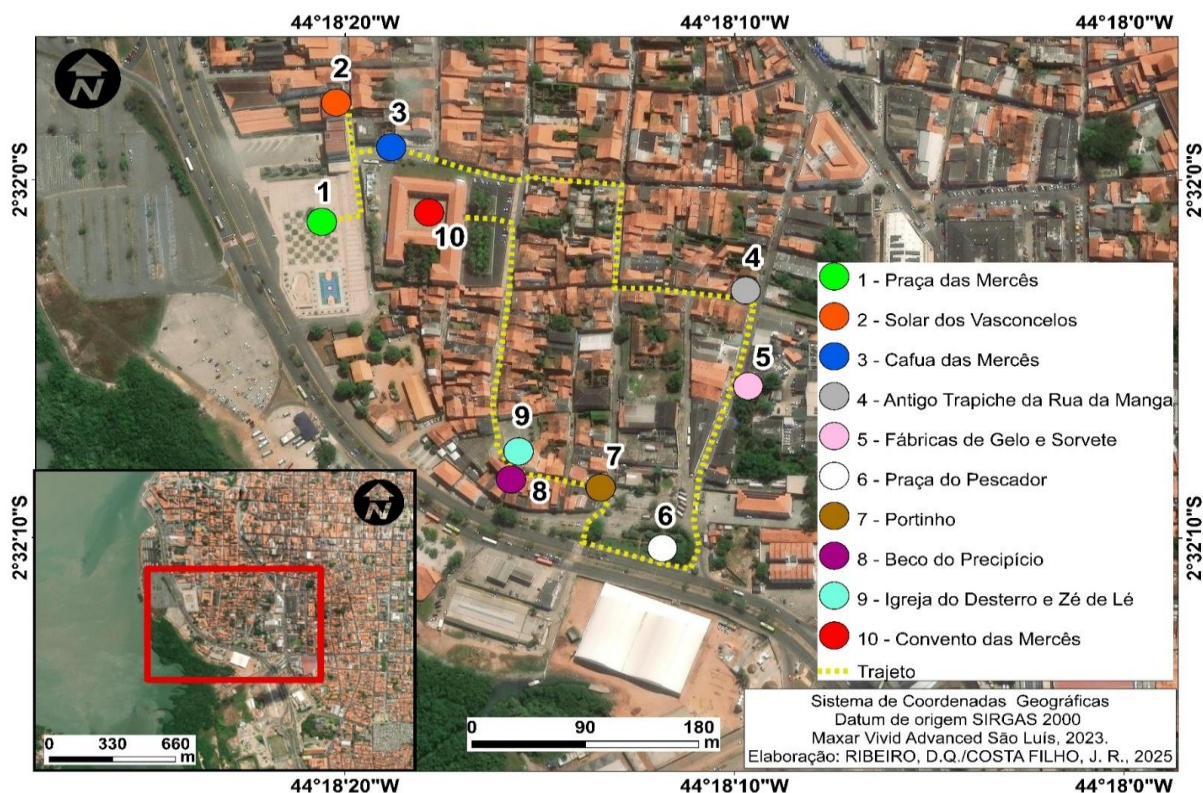


Figura 2: Mapa do roteiro turístico "Caminhos do Desterro". Fonte: Costa Filho (2025, p.84).



Figura 3: Fotografias do roteiro "Caminhos do Desterro". Fonte: Elaborado pelos autores (2025).



De forma geral, o itinerário foi pensando com os seguintes pontos e distâncias – o que não impede, entretanto, de desvios como mencionado anteriormente.

- Praça das Mercês (1) → Solar dos Vasconcelos (2): distância aproximada 96 m (30 min.)
- Solar dos Vasconcelos (2) → Cafua das Mercês (3): distância aproximada 69 m (30 min.)
- Cafua das Mercês (3) → Antigo Trapiche da Rua da Manga (4): distância aproximada 411 m (30 min.)
- Antigo Trapiche da Rua da Manga (4) → Fábricas de gelo e sorvete (5): distância aproximada 98 m (30 min.)
- Fábricas de gelo e sorvete (5) → Praça do Pescador (6): distância aproximada 126 m (15 min)
- Praça do Pescador (6) → Portinho (7): distância aproximada 88 m (15 min)
- Portinho (7) → Beco do Precipício (8): distância aproximada de 60 m (15 min)
- Beco do Precipício (8) → Largo e Igreja do Desterro (9): distância aproximada de 30 m (30 min)
- Largo e Igreja do Desterro (9) → Convento das Mercês (10): distância aproximada de 200 m (30 min)

Este roteiro foi realizado por duas vezes, em dezembro de 2024 e maio de 2025, com turmas de universitários de licenciatura em geografia de diversas disciplinas (Quadro 2). Como parte da avaliação das disciplinas das turmas que realizaram a visita de campo, os professores responsáveis solicitaram que os universitários elaborassem, individual ou grupalmente, um relatório final escrito sobre a visitação no Desterro. Ao entrar em contato com os relatórios, foi notória como a experiência geográfica do roteiro impactou alguns dos universitários. A seguir, um trecho na íntegra do relatório de uma estudante nascida e criada na capital São Luís que já tinha acesso ao Centro Histórico, mas que foi surpreendida com o roteiro “Caminhos do Desterro”:

O Desterro é muito mais do que um lugar de valor histórico, é um espaço vivo, do entrecruzamento do passado e do presente em processo. Presentes em seu rico acervo arquitetônico e cultural, o Desterro permite vislumbrar não apenas a história de São Luís, mas a complexidade da urbanização em cidades centenárias, possuidoras de um legado histórico. É um exemplo vibrante de como pode-se reconhecer que o espaço urbano se transforma em um depósito da memória, e, ao mesmo tempo, um palco para a incessante transformação do espaço social e cultural (relatório de campo, Silva et al, 2024, p. 4 – não publicado).

Compreender o patrimônio cultural para além de suas construções de pedra e cal, comporta nos voltar para os sentidos de emergência do lugar, negociados cotidianamente entre diversos agentes.

Em outra parte deste mesmo relatório consta “A visita de campo ao Bairro do Desterro foi uma experiência enriquecedora, permitindo aos participantes explorarem, de forma prática e interativa, as relações entre espaço, memória e identidade cultural” e “O percurso, que incluiu

pontos importantes como: a Praça das Mercês, o Memorial da Diáspora Africana e a Igreja de São José do Desterro, demonstrou como o espaço urbano reflete e ressignifica narrativas de resistência e transformação” (relatório de campo, Silva et al, 2024, p. 5 – não publicado).

Outro grupo, por sua vez, destacou em seu relatório o monumento à Diáspora Africana no Maranhão como exemplo de lugar de memória que resgata a memória do povo negro, violentado e excluído historicamente da sociedade brasileira: “A Praça das Mercês é um símbolo da integração histórica entre o passado colonial e o presente de São Luís. Mais do que um espaço público, ela representa um lugar de memória e valorização da herança afro-brasileira” (relatório de campo, Moraes et al., 2024, p. 6 – não publicado).

“A presença afro-brasileira é marcante no bairro, tanto pela descendência de escravizados que foram trazidos para o país, quanto pelo esforço contínuo de manter viva a cultura africana em suas várias manifestações” afirma o relatório de campo de Sousa (2024, p. 7 – não publicado). O qual também aponta a relevância da experiência formativa de sua graduação em licenciatura em geografia para a leitura e interpretação da paisagem ao terem contato com o Monumento da Diáspora africana da Praça das Mercês e, sobretudo, no contato com o ritmo de vida dos habitantes do bairro na luta cotidiana pela garantia de direitos.

No mesmo sentido, em outro relatório individual, uma participante faz menção ao aspecto reflexivo do roteiro que parte da realidade local e se articula com questões mais abrangentes:

Ao refletir sobre a construção e identidade das populações afrodescendentes, podemos compreender melhor os processos históricos e sociais que moldaram a sociedade brasileira, além de reconhecer a resistência e as contribuições dessas populações. (...) O campo destacou a necessidade de contínua reflexão sobre as reparações históricas, reconhecendo o legado das populações negras e suas lutas pela valorização de suas identidades (relatório de campo, Silva, 2024, p. 4 – não publicado).

Referente a sugestão ou comentário sobre o roteiro, um dos relatórios resume que “Através de uma análise detalhada, conseguimos entender como o bairro, com suas ruas estreitas e casarões antigos, reflete a convivência de diferentes grupos sociais ao longo do tempo” (relatório de campo, Moraes et al., 2024, p. 6 – não publicado).

Outro participante avaliou a experiência da visita de campo no Desterro da seguinte forma: “Essa abordagem foi importante pois permitiu aos alunos conectarem-se com sua própria história e com a história coletiva da comunidade local, promovendo um senso de pertencimento e valorização cultural” (relatório de campo, Silva, 2024, p. 2 – não publicado).

Para nós pesquisadores que estamos caminhando pelo Desterro desde 2023, assumir o papel de ponte e mediação para que outros caminhantes e os habitantes e o bairro do Desterro

se encontrem, confluindo e confrontando identidades foi uma experiência efetiva de educação patrimonial.



Figura 4: Realização do roteiro em 07 de dezembro de 2024, ponto inicial na Praça das Mercês. Fonte: Costa Filho (2025, p.117).



Figura 5: Interpretação patrimonial a partir da comparação de registros fotográficos com destaque para a Fábrica de Artes (prédio cinza à direita), lugar gerido de forma popular pela associação cultural Os Caras de Onça. Fonte: Organizado pelos autores (2025).

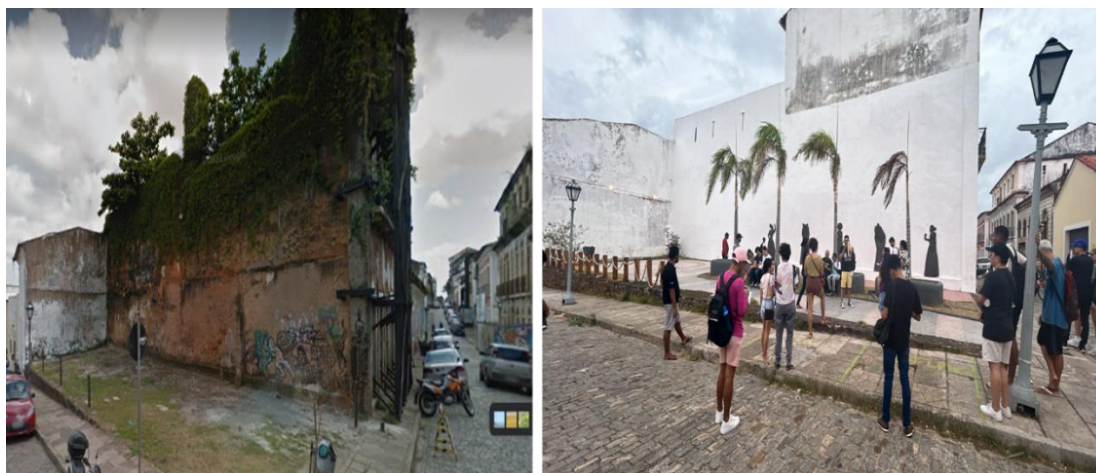


Figura 6: Interpretação patrimonial a partir da comparação de registros fotográficos com destaque para o uso arquitetônico do símbolo de mulheres negras maranhenses Catarina Mina, Nã Agotimé e Maria Firmina dos Reis na Praça Negro Cosme. Fonte: Organizado pelos autores (2025).

CONSIDERAÇÕES CAMINHANTES

Desde 2023 o núcleo São Luís vem conhecendo o Desterro e seu patrimônio cultural a partir de incursões, adotando, para tanto, a metodologia caminhar e parar – que estamos denominando por caminhadas-vivências. Contudo, tal abertura em campo que se embasa na abordagem cultural em geografia não se deu apenas com os pesquisadores do núcleo São Luís, mas trouxemos ainda outras pessoas para caminhar conosco pelo bairro, efetivando parcerias com a graduação e pós-graduação em geografia da UEMA e com instituições locais do bairro.

De um lado, essas caminhadas-vivências estão nos permitindo estar cada vez mais presentes no bairro, convivendo com moradores e frequentadores do Desterro, que expressam se sentirem valorizados. Não raro, nas ocasiões em que nos encontramos caminhando com demais pesquisadores e estudantes, as pessoas do bairro sentem-se à vontade em falar do seu lugar. De outro lado, a provocação em trazer outras pessoas para caminhar e parar conosco pelo Desterro está sendo um tipo de compartilhamento dos resultados da pesquisa simultaneamente a seu desenvolvimento, já que a cada nova caminhada com outras pessoas, ou com outra motivação, as experiências dos caminhantes e dos encontros com habitantes do Desterro, vêm fazendo com que algumas questões sejam apuradas, decantando e somando significados que ainda não estavam muito bem definidos.

O roteiro turístico “Caminhos do Desterro” se mostra como mais um dos desdobramentos de pesquisa do projeto Inventário participativo do patrimônio cultural, guiando paisagens que *desterra* julgamentos e motiva um outro modo-de-estar ali. Onde a escuta, a partilha e o diálogo horizontal entre as pessoas para o engajamento político na luta por direitos e preservação patrimonial tende a ser a maior força.

Essa atitude de caminhar e buscar aproximação com a multiplicidade do bairro do Desterro nos incita a encarar o mundo como encontro intersubjetivo, onde o geográfico emerge na paisagem como modo-de-ser, em horizonte, tocante-tocada (Marandola Jr., 2024), no encontro desejo de uma universidade que caminha junto as pessoas e se engaja na luta pela garantia de direito à memória, à cidade e à expressão de suas múltiplas culturas. As muitas experiências e resultados que estamos colhendo com o projeto do Inventário Participativo do patrimônio cultural no Desterro perpassam a postura de nos mantermos abertos, recebendo contribuições de todos que aceitam caminhar conosco no desafio de venerar os caminhos da busca, questionando o patrimônio a partir das múltiplas dimensões da dinâmica viva do bairro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A.; CARDOSO, M. C. Para além do turismo: narrativas negras no Centro Histórico de São Luís do Maranhão. In: **Anais...** (Des)Fazendo Saberes na Fronteira. São Borja/RS. Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/desfazendosaberes/492066-PARA-ALEM-DO-TURISMO--NARRATIVAS-NEGRAS-NO-CENTRO-HISTORICO-DE-SAO-LUIS-DO-MARANHAO>>. Acesso em: 03 out. 2025.
- BESSE, J. M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Tradução de Anne Cambe. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2014.
- BURNETT, F. L.; VENÂNCIO, M. W. C. Breve Histórico da Habitação Popular em São Luís. In: LOPES, J. A. V (Org.). **São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara**: guia de arquitetura e paisagem (bilingue). Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.
- CARERI, F. **Caminhar e parar**. Trad. Aurora F. Bernardini. - São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- CARERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo, Editora Gustavo Gili, 2013.
- CHAVES, C. R. C. **Educação patrimonial no bairro do Desterro**: estudos sobre os projetos de patrimonialização no Centro Histórico de São Luís - MA. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar Cultura e Sociedade) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.
- CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: INÁ Elias de Castro et al (Org.). **Explorações Geográficas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p.89-117.
- CLAVAL, P. Processos espaciais e geografia cultural [2021]. Tradução de Débora Fialho Goulart. **Confins**, 2023. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/55692>>. Acesso em: 07 set. 2024.
- CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 7-17, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia>>. Acesso em: 10 set. 2024.
- COSTA FILHO, J. R. **Pensar a paisagem, fazer roteiro turístico**: pelos caminhos do bairro do Desterro, Centro Histórico de São Luís - MA. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2025.
- FERREIRA, M. M. G. Centro Histórico de São Luís: fronteiras e regiões. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 5, n. 5, 2008. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/220>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma ampla concepção de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.
- FONSECA, M. C. L. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. **Manual de aplicação do INRC**. Brasília: MinC/IPHAN/Departamento de Documentação e Identificação, 2000.
- HOLZER, W. **A geografia humanista**: sua trajetória 1950 - 1990. Londrina: EDUEL, 2016.
- IPHAN. **Educação patrimonial - inventários participativos**. Brasília: IPHAN, 2016.

MARANDOLA JR., E. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.30, n.3, p.393-419, set./dez. 2005.

MARANDOLA JR., E. **Ensinar-aprender fenomenologia**: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência. Teresina: Cancioneiro, 2024.

PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. S. (Org.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2009.

PIMENTEL, M. R.; CASTROGIOVANNI, A. C. Geografia e Turismo: em busca de uma interação complexa. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Rio Grande do Sul, v.7, n.3, p. 440-458, jul - set, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547037009.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2024.

SILVA, R. H. T. da. Geografia e fenomenologia: o patrimônio em aberto. **GeoTextos**, v. 16, n. 1, p. 233-255, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/35953>>. Acesso em: 03 out. 2024.

SOUZA, J. A. X.; SILVA, E. F. F.; (Org.). **Patrimônio cultural do bairro Desterro**: laços afetivos e comunitários no habitar o Centro Histórico de São Luís /MA – Dossiê do Núcleo São Luís. Projeto Inventário participativo para identificação e gestão do patrimônio cultural. EDUEMA. *No prelo*.

SOUZA, J. A. X.; SILVA, E. F. F.; MARQUES, A. R. Bairro Desterro, Centro Histórico de São Luís do Maranhão: valores e sentidos do patrimônio cultural In: SOUZA, J. A. X.; PAES, M.T. D. (Org.). **Abordagem geográfica do patrimônio cultural**. Campinas: Amazônica Bookshelth, 2024.

SOUZA, J. A. X; PAES, M. T. D. Caminhadas guiadas pelo turístico Centro Histórico de São Luís - MA – paisagem: como se faz. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 24, n. 95, p. 97–112, 2023. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/66971>>. Acesso em: 03 out. 2024.

ZANATTA, B. A. A abordagem cultural na Geografia. **Temporais** (ação), Universidade Estadual de Goiás, v.1, p. 249-262, 2008. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/>>. Acesso em: 10 ago. 2024.